



# **NÃO SEREI EU MULHER?**

**AS MULHERES NEGRAS  
E O FEMINISMO**

**bell hooks**

TRADUÇÃO  
**Nuno Quintas**

**ORFEU  
NEGRO**

## INTRODUÇÃO

Num momento da história norte-americana em que as negras de todas as regiões do país se podiam ter juntado e exigido igualdade social para as mulheres, e reconhecido o impacto do sexismo no nosso estatuto social, mantivemo-nos em larga medida caladas. O nosso silêncio não era apenas de reacção a quem lutava pela emancipação das mulheres brancas ou um gesto de solidariedade para com os patriarcas negros. Era o silêncio das oprimidas – esse silêncio profundo que nasce da resignação e da aceitação do próprio destino. As negras de hoje não se podiam juntar na luta pelos direitos das mulheres porque nós não entendíamos a «feminilidade» como aspecto importante da nossa identidade. A socialização racista e sexista condicionou-nos a desvalorizar a nossa feminilidade e a olhar a raça como único rótulo de identificação que importa. É o mesmo que dizer: pediram-nos que negássemos uma parte de

nós – e assim fizemos. Por isso, quando o movimento pela emancipação feminina abordou o problema da opressão sexista, defendemos que o sexismo era insignificante face à realidade mais dura e cruel do racismo. Receávamos aceitar que o sexismo podia ser tão opressivo como o racismo. Agarrávamo-nos à esperança de que, para sermos livres, bastava-nos libertar da opressão racial. Éramos uma nova geração de mulheres negras que tinham sido educadas para se submeterem, para aceitarem a inferioridade sexual, para o silêncio.

Ao contrário de nós, as negras na América do século XIX tinham consciência de que a verdadeira liberdade não implicava apenas a libertação de uma ordem social sexista que recusava sistematicamente direitos humanos plenos a todas as mulheres. Estas negras participaram quer na luta pela igualdade racial, quer no movimento pelos direitos das mulheres. Quando se levantou o problema de a participação das negras nesse movimento ser prejudicial à luta pela igualdade racial, elas argumentaram que qualquer melhoria do estatuto social das negras beneficiaria todas as pessoas negras. Anna Julia Cooper, num discurso ao Congresso Mundial de Mulheres Representativas (1893), fez referência ao estatuto das negras:

Os melhores frutos da civilização não podem ser improvisados nem desenvolver-se com normalidade em trinta curtos anos. Exigem longo e penoso crescimento de gerações. Porém, em todo esse tenebroso período de opressão das mulheres de cor no nosso país, a sua história, ainda por contar, é plena de combates heróicos, um combate contra temíveis e esmagadoras desvantagens, que tantas vezes

acabou em vil morte, para preservar e proteger aquilo que a mulher estima mais que a vida. A penosa, paciente e silenciosa labuta das mães para conseguirem singelo direito ao corpo das filhas, a disputa aflitiva, como a de uma fêmea de tigre aprisionada, para manterem a sua própria pessoa inviolada, seria matéria épica. Não é em nada extraordinário que tenha sido mais o que se afundou na corrente que aquilo que a deteve. A maior parte das nossas mulheres não são heroínas – mas ignoro que a maior parte de qualquer raça de mulheres sejam heroínas. Basta-me saber que, se aos olhos do mais elevado tribunal da América ela não passava de propriedade, de um bloco tolo, puxada e empurrada ao sabor da vontade de um dono, a mulher afro-americana conservava ideais de feminilidade incomparavelmente despidorados. Esses ideais, que repousavam ou fermentavam em espíritos pouco instruídos, não podiam defender-se no tribunal da nação. A mulher branca podia ao menos rogar a própria emancipação; a mulher negra, duplamente cativa, não podia mais que sofrer e lutar e manter-se em silêncio.

Pela primeira vez na história da América, mulheres negras como Mary Church Terrell, Sojourner Truth, Anna Julia Cooper e Amanda Berry Smith romperam os longos anos de silêncio e começaram a articular e a registar as suas experiências. Deram particular ênfase ao aspecto «feminino» do seu ser, o que diferenciou o seu destino do destino do homem negro, facto que se tornou evidente quando o homem branco deu apoio ao homem negro com o direito de voto enquanto mantinha todas as mulheres fora do sufrágio. Horace Greeley e Wendell Phillips baptizaram esse momento de «a hora do preto», mas aquilo

de que se falava como sendo o sufrágio negro era na verdade o sufrágio dos homens negros. Ao apoiarem o sufrágio dos homens negros e denunciarem as defensoras dos direitos das mulheres, os homens brancos deixaram a nu quão profundo era o seu sexismo – que, nesse breve instante da história da América, foi maior que o seu racismo. Antes de os homens brancos apoiarem o sufrágio dos homens negros, as activistas brancas tinham acreditado no progresso da sua causa se se aliassem aos activistas políticos negros, mas, quando parecia que os homens negros teriam direito de voto e elas continuariam fora do sufrágio, a solidariedade política das gentes negras foi esquecida e elas instaram os brancos a deixarem que a solidariedade racial lhes ofuscasse os planos de apoio ao sufrágio do homem negro.

À medida que vinha à tona o racismo das defensoras dos direitos das mulheres, rompia-se o frágil elo entre elas e os activistas negros. Ainda que Elizabeth Cady Stanton tentasse demonstrar, no artigo «Women and Black Men» (publicado em 1869 no jornal feminista *The Revolution*), que o apelo republicano ao «sufrágio varonil» se destinava a antagonizar os homens negros e todas as mulheres, não era possível reparar a fractura entre os dois grupos. Muitos activistas políticos negros simpatizavam com a causa das defensoras dos direitos das mulheres, mas não estavam dispostos a perder a oportunidade de ganhar direito de voto. As negras encontravam-se num impasse: o apoio ao sufrágio das mulheres implicaria uma aliança com as activistas brancas que haviam demonstrado em público o seu racismo, mas o apoio ao sufrágio exclusivo dos

negros era subscrever uma ordem social patriarcal que não lhes daria nenhuma voz política. As activistas negras mais radicais exigiam o direito de voto dos homens negros e de todas as mulheres. Sojourner Truth era, neste aspecto, a mais frontal das mulheres negras. Defendia publicamente o direito de voto das mulheres e sublinhava que, sem ele, a negra teria de se submeter à vontade do negro. A sua célebre afirmação – «grande comoção há por homens de cor conseguirem os seus direitos, mas nem uma palavra quanto às mulheres de cor; e se os homens de cor os conseguirem, mas não as mulheres de cor, veremos os homens de cor serem senhores das mulheres de cor, e vai ser tão mau como dantes» – lembrou o público norte-americano de que a opressão sexista era uma ameaça tão real à liberdade das negras como a opressão racial. Apesar dos protestos das activistas brancas e negras, o sexismo venceu e os homens negros conseguiram o direito de voto.

Ainda que negras e negros tenham lutado de igual maneira pela emancipação durante a escravatura e boa parte da Reconstrução, os dirigentes políticos negros mantinham valores patriarcais. À medida que iam progredindo em todos os domínios da vida nos Estados Unidos, os negros incentivavam as negras a adoptarem um papel mais subserviente. Pouco a pouco, foi reprimido o espírito revolucionário radical que tinha caracterizado o contributo intelectual e político das negras no século XIX. No século XX, ocorreu uma transformação definitiva do papel exercido pelas negras nas questões políticas e sociais das gentes negras. Esta transformação era sintomática de um recuo generalizado no esforço de todas as mulheres